Um só caos, imenso e belo

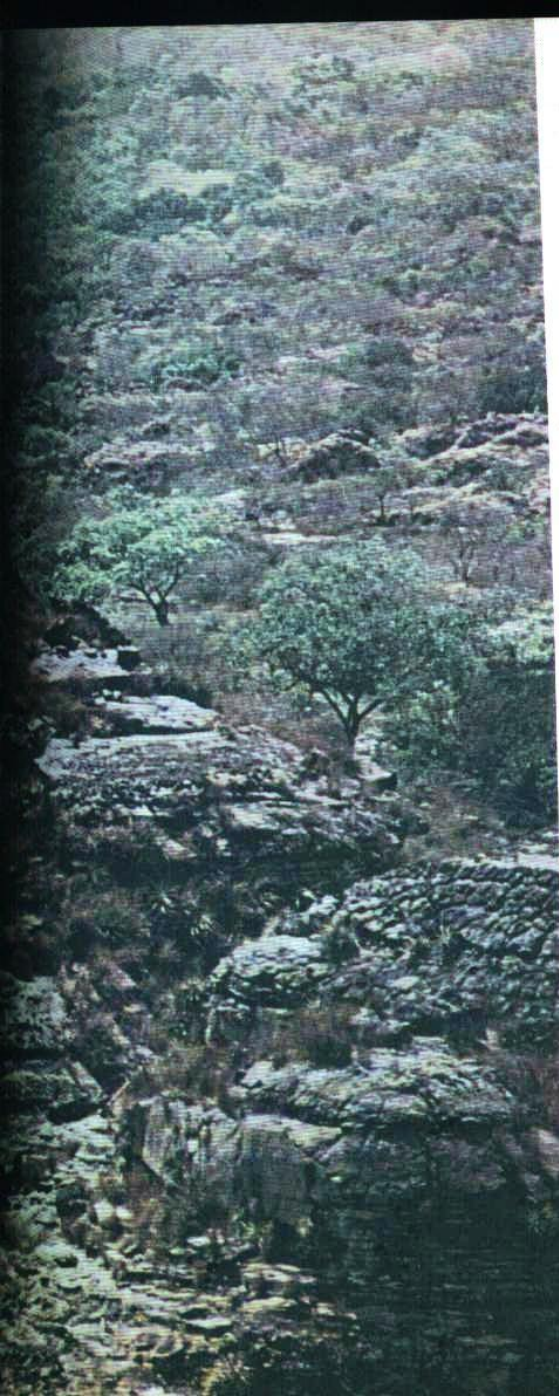


Foto de Madalena Schwartz

Os construtores de Sete Cidades

Por Antonio Zago
Fotos de Ezio Vitale

Quando os fenícios chegaram ao Brasil, há 3 mil anos, Sete Cidades já era apenas ruínas. Quem a teria construído? E quando? Que força epocalíptica teria destruído essa fortaleza de pedra? São perguntas que possivelmente jamais serão respondidas. Com seus dólmens, menires, templos e assembléias, Sete Cidades continua a desafiar a imaginação humana. Nesse mesmo local existem cerca de 2 mil inscrições pré-históricas: um dos maiores acervos culturais da antigüidade, ainda indecifrado.

Os construtores de Sete Cidades

Quem sonhar três noites seguidas com d. Pedro I pode encontrar o tesouro de Sete Cidades. Como ninguém conseguiu encontrá-lo até hoje, é possível que essa tarefa seja tão difícil quanto decifrar o enigma dessas fabulosas ruínas do Estado do Piauí. Dizem que na cidade de Campo Maior um homem sonhou com nosso antigo imperador. Na manhã do terceiro dia, contou tudo à esposa e partiu para Sete Cidades. Não encontrou nada pois a lenda acrescenta que o segredo deve ser mantido. Esse homem esteve perto da verdade mas perdeu-a. Em 1928, o sábio austríaco Ludwig Schwennhagen também esteve perto da verdade. Tentou decifrar o segredo do local e a partir das suas pesquisas escreveu um livro: *Antiga História do Brasil 1100 a.C. a 1500 d.C.*

Ao contrário da lenda, esse livro merecia ter tido uma divulgação maior por estar repleto de intuições geniais, pela erudição de seu autor e por ser o estudo mais completo sobre a passagem dos fenícios pelo Brasil. No entanto, esse livro permaneceu praticamente em segredo até 1970, quando foi reeditado pela Editora Cátedra. Até então existiam apenas dois exemplares: um na Biblioteca Nacional e o outro com o engenheiro Raimundo Nonato de Medeiros, atual conservador do Parque Nacional de Sete Cidades. A tese de Schwennhagen é curiosa: partindo do princípio de que diversos povos da antigüidade visitaram o Brasil antes de Cabral, ele estabeleceu o roteiro dos fenícios pelo nosso território. Sete Cidades teria sido fundada pelos fenícios há 3 mil anos.

Ao entrar em Sete Cidades o visitante sente-se agredido. Trata-se de uma cidade de monstros. Leões gigantescos, macacos, dragões, esfinges. São monumentos de formas bizarras, construídos para assustar e afastar o visitante indesejado.

A grandiosidade do local é inacreditável e um dia não basta para percorrê-lo em sua totalidade. São 20 quilômetros de área coberta de dólmens, menires, castelos e templos que continuam a desafiar a imaginação humana.

A primeira impressão é a de um imenso caos. Depois, tudo se torna claro, organizado. São sete conjuntos de pedras, com uma altura que varia até 45 metros.

O visitante pode também concluir que se trata de uma formação geológica idêntica a Vila Velha, do Paraná. Pode ser. Mas mesmo negando que aquelas casas, praças e assembléias tenham sido construídas por mãos humanas, não se pode negar a autenticidade das inscrições. Sete Cidades possui cerca de 2 mil inscrições, um dos maiores acervos culturais da pré-história humana, ainda indecifrado.

O Arco do Triunfo na entrada do parque

Essas inscrições são bem mais recentes que as construções. Quem construiu Sete Cidades não foi o mesmo que cobriu suas paredes de sinais. Sete Cidades é muito mais antiga do que se possa imaginar.

Se aceitarmos a hipótese de que se trata de uma construção feita pelo homem, temos que responder à pergunta inevitável: quem a construiu?

Passeando pelas suas ruas, estudando algumas construções, verificando a distribuição das fortalezas, é possível estabelecer, a grosso modo, como teria sido seu habitante primitivo.

Os construtores de Sete Cidades foram um povo guerreiro, possuidor de uma religião

iniciática que adorava um deus da fertilidade e que, além da existência comum, levava uma vida subterrânea.

O visitante que chegar até lá por Piracuruca, a 17 km de distância, deve passar pelo Arco do Triunfo. Com seus 15 metros de altura, esse bloco de pedra se encontra no meio de um bosque de árvores graciosas. O monumento é majestoso. Se não for apenas uma formação natural, mas um aproveitamento da natureza feito pelo homem, devemos concluir que seus construtores eram bem primitivos pois a pedra foi pouco manuseada. Este é o primeiro indício de que estamos diante das ruínas de uma cidade-fortaleza. Assim mesmo devemos nos perguntar: que exércitos passaram vencedores sob esse monumento? Fenícios? Não. Essa história é bem posterior. Se aceitarmos a lógica de que quanto mais rudimentar o monumento mais antigo seu construtor, Sete Cidades deverá ser colocada além da pré-história conhecida.

Lembrando Tiahuanaco, Machu-Pichu e Cuzco

Em seu livro *Semeadura e Cosmo* (editado pela Melhoramentos), Erich von Daniken inicia seu capítulo sobre Sete Cidades dizendo que "não se pode falar em ruínas ao se referir a Sete Cidades. Não existem restos de pedras espalhados desordenadamente, que poderiam ter sido dispostos em construções outrora. Não existem também monolitos, encaixes artificiais, como são encontrados ainda hoje no planalto boliviano, em Tiahuanaco".

O famoso autor de *Eram os Deuses Astronautas?* realmente tem razão ao se referir à ausência das pedras talhadas, soltas pelas ruas. No entanto (e isso ele não percebeu), Sete Cidades possui uma estranha relação com as antigas civilizações andinas.

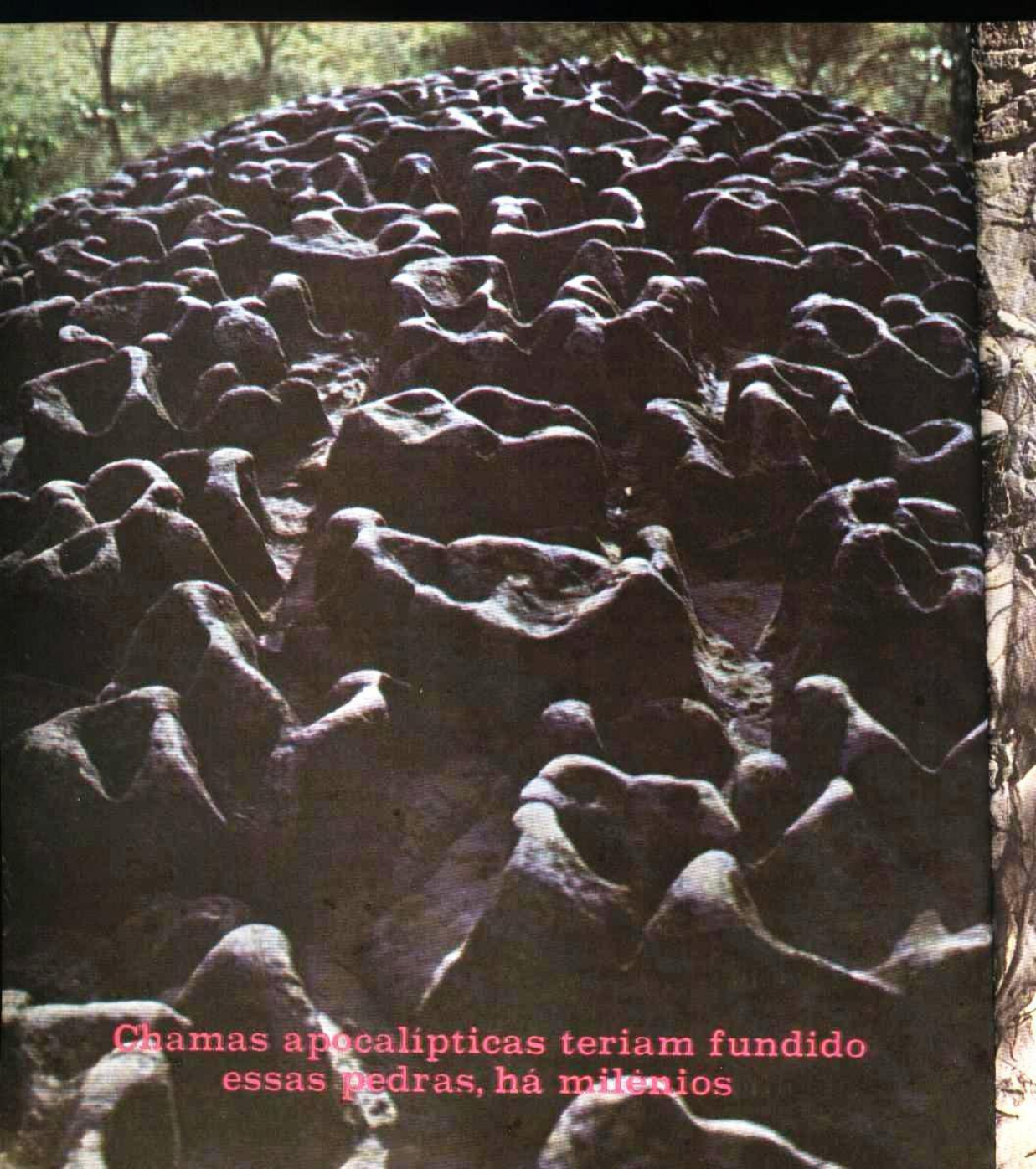
Um dos conjuntos mais bonitos e impressionantes é o da pedra da Tartaruga. São seis blocos de pedra, com 20 metros de comprimento por cinco de altura, formando um total de 17 casas arredondadas, verdadeiros iglus.

De longe, percebemos apenas uma tartaruga gigantesca. Concluímos então que se trata de um simples caso de erosão. De perto tudo muda: verificamos que são pedras trabalhadas com seis e sete lados, as do alto com 40 centímetros de largura e, diminuindo gradativamente para baixo, atingem o tamanho de dez centímetros. Todas elas perfeitamente ajustadas umas às outras. É fácil perceber que a erosão teria ligado essas pedras e não separado tão logicamente.

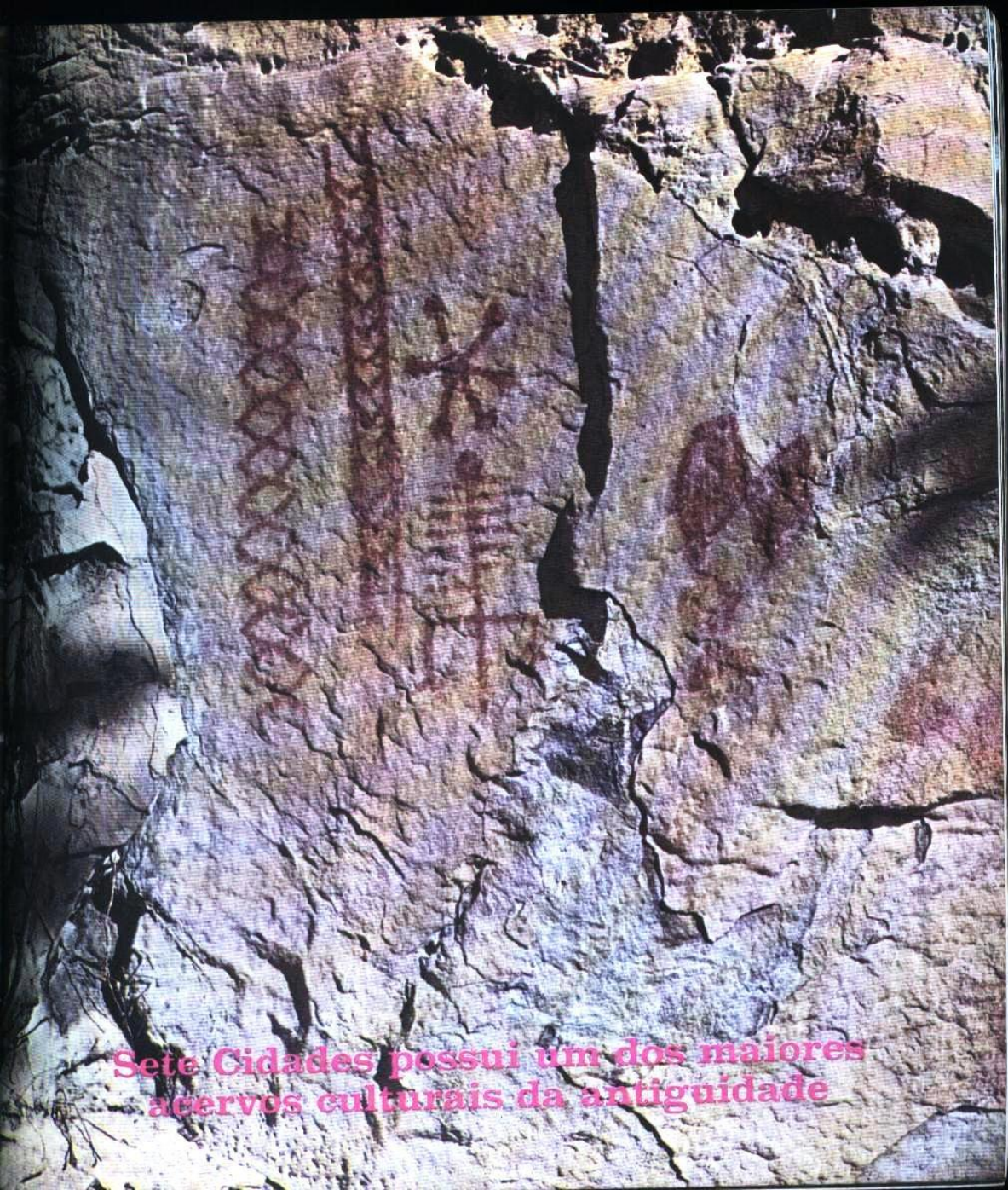
Essa construção lembra Cuzco e Machu-Pichu, com a diferença que naquelas cidades, as pedras possuem até 12 lados.

No conjunto seguinte, conhecido como pedra da Inscrição, voltamos a pensar em uma possível ligação com a civilização andina. No topo de uma montanha de uns 20 metros de altura, existe uma escultura que foi batizada como pedra do Camelo. Na verdade não se trata de um camelo mas de uma lhama. A explicação é simples: o camelo, apesar de não existir no Brasil, é um animal popular. A lhama é absolutamente desconhecida. Esse detalhe já seria suficiente para que os pesquisadores iniciassem a busca do elo perdido entre o Nordeste brasileiro e as civilizações andinas. Além da pedra do Camelo, esse conjunto apresenta mais duas características peculiares: as inscrições — que dão nome ao conjunto — e a porta do templo.

As inscrições desse local ocupam um espaço de meio metro e mostram duas cobras colo-



Chamas apocalípticas teriam fundido
essas pedras, há milênios



Sete Cidades possui um dos maiores acervos culturais da antiguidade

cadas paralelamente e, à direita, uma espécie de esqueleto estilizado de um lagarto, apontando para um objeto redondo com cinco pontas. Os desenhos são claros, simples, mas seu significado permanece ambíguo. As cobras não possuem nem cabeça nem rabo e o objeto de cinco pontas parece bem a representação de uma estrela.

Ao lado dessa inscrição, talhada em pedra negra, nota-se uma porta abobadada, como as portas orientais. Essa porta está irremediavelmente trancada por uma pedra diferente, branca.

Uma explicação para a origem dos egípcios

Assim como ninguém até hoje conseguiu decifrar aquelas inscrições e nenhum arqueólogo escavou o local, o solo nunca foi analisado cientificamente. As análises existentes não passaram pelo laboratório: são quase opiniões.

A opinião mais acertada nos pareceu a do geólogo Fernando Parentes Fortes que diz: "Sete Cidades constitui uma área situada sobre uma formação de arenitos impuros, laminados e maciços, modelados principalmente pela erosão pluvial e, secundariamente, pela erosão eólica causada pelos ventos carregados de partículas sólidas, arrancadas do solo pelo movimento de turbilhonamento". Esse modelamento teria ocorrido a partir de sistemas de fraturamentos regulares — daí a formação de verdadeiras ruas cavadas — deixando isolados monumentos geológicos pitorescos.

Esse processo geológico é dinâmico e — ainda na opinião do geólogo — teria começado cerca de 190 milhões de anos atrás, aproximadamente. Assim, ele afirma que Sete Cidades é apenas fruto da erosão, e ao mesmo tempo a incrível antigüidade do solo. Sabendo-se que o planalto brasileiro é um dos locais mais antigos do planeta, nada mais lógico imaginar que esse local também foi um dos primeiros a serem habitados.

Alexandre Braghine, A. Frot e Onffroy de Thoron, por exemplo, acreditam que os egípcios partiram daqui para voltar bem mais tarde. Assim, a explicação da origem desse povo poderia ser encontrada no Brasil, mais especificamente em Sete Cidades.

Em seu livro *O Enigma da Atlântida* (Irmãos Pongetti Editores), Alexandre Braghine cita um trecho da carta recebida de Frot onde esse pesquisador francês diz: "Os fenícios serviam-se, para gravar suas inscrições sul-americanas, dos mesmos métodos que os antigos egípcios usavam nos primeiros tempos para a sua escrita hieroglífica. Esses métodos eram empregados pelos astecas, como também pelos povos desconhecidos, aos quais se atribuem os petróglifos da bacia do Amazonas. O resultado das minhas investigações é tão surpreendente que eu hesito em publicá-lo. Para dar-lhe uma idéia, basta dizer que tenho em mãos a prova da origem dos egípcios: os antepassados desse povo saíram da América do Sul". Thoron, por outro lado, afirmava que os egípcios tinham partido da América, apontando as semelhanças entre a língua quichua e o egípcio antigo.

Weneger foi mais longe ao afirmar que o Estado do Ceará e o Saara formaram outrora uma única região, considerando a semelhança de condições geográficas e físicas entre esse Estado brasileiro e aquele deserto árabe.

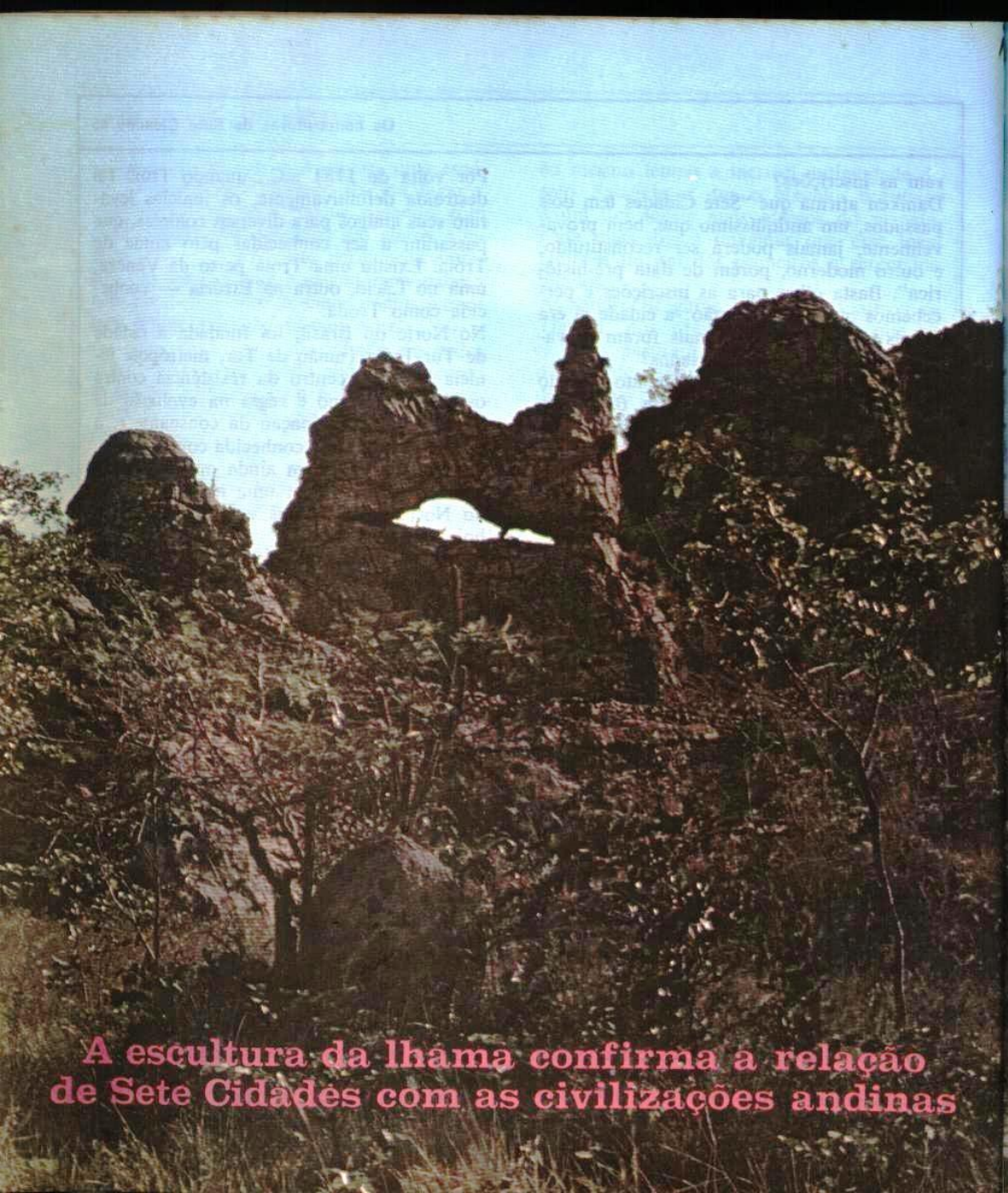
Mas como designar rigorosamente a antigüidade de Sete Cidades? Quando teria sido habitada pela primeira vez e quando surgi-

ram as inscrições?
Daniken afirma que "Sete Cidades tem dois passados, um antiqüíssimo que, bem provavelmente, jamais poderá ser reconstituído, e outro moderno, porém de data pré-histórica". Basta olhar para as inscrições e percebemos que ele tem razão: a cidade já era ruínas quando aqueles sinais foram gravados. Mas por que dois passados?
A esse respeito, o escritor Renato Castelo Branco (autor de *Pré-História Brasileira*, editado pela Quatro Artes), grande conhecedor da região, afirma que, como Tróia, Sete Cidades teve muitos passados. Dizer dois significa simplificar. Mas a grande dificuldade começa ao se tentar estabelecer o passado mais evidente, isto é, o passado recente, cuja história está contada nas inscrições.

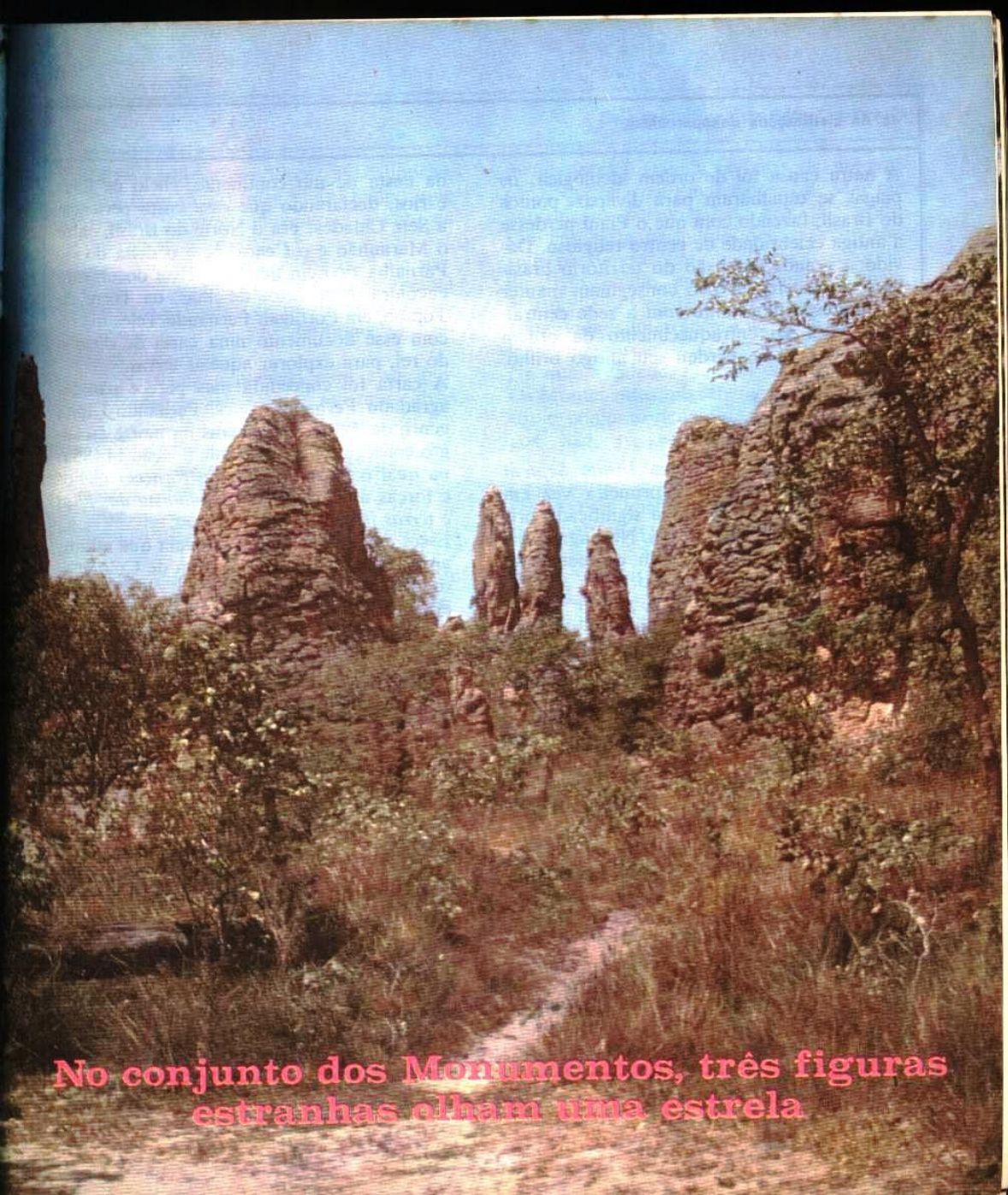
Os fenícios vieram explorar o Amazonas

Recuando-se até esse passado recente, chegamos à tese de Schwennhagen: a maioria dos textos pré-históricos brasileiros se utilizam, principalmente, de letras do alfabeto fenício e da escrita demótica do Egito.
Apoiando-se em Diodoro da Sicília, Schwennhagen descreve a primeira viagem dos fenícios que, saindo da costa africana, perto de Dacar, atravessaram o oceano Atlântico rumo a sudeste. Os fenícios chegaram ao Brasil, aproveitando as mesmas correntezas que, 2600 anos depois, conduziriam Cabral. Os fenícios vieram ao Brasil para explorar o Amazonas, em aliança com o rei David, da Judéia. Eles estabeleceram numerosas estações marítimas entre a Bahia e o Pará. Além dos judeus, os fenícios comerciavam com os egípcios, tendo sido, também, grandes aliados de Tróia.

Por volta de 1181 a.C., quando Tróia foi destruída definitivamente, os fenícios levaram seus amigos para diversas colônias, que passaram a ser conhecidas pelo nome de Tróia. Existiu uma Tróia perto de Veneza, uma no Lácio, outra na Etrúria — conhecida como Troila.
No Norte do Brasil, foi fundada a cidade de Tur-Tróia (união de Tur, metrópole fenícia e Tróia, centro da resistência contra os gregos). Como é regra na evolução da língua tupi a eliminação da consoante *r*, a cidade passou a ser conhecida como Tutóia. Os fenícios fundaram ainda outras cidades com o nome de Tur: uma no Rio Grande do Norte, hoje Touros e outra na Bahia, hoje Torres.
A chave para a compreensão do enigma de Sete Cidades talvez seja fornecida pelo antigo nome do Estado do Piauí. Muitos interpretaram esse nome como "rio do peixe piau", devido a um peixe abundante na região. Para Schwennhagen, entretanto, Piauí significa "terra dos piagas". Piagas eram os antigos sacerdotes druidas. De fato, somente no século 19 é que surgiu a nomenclatura Piahui; anteriormente o nome corrente era Piagui. Além disso, a existência de dólmens e menires em Sete Cidades pódem se constituir na prova mais concreta de que o sábio austríaco tinha razão.
Isso tudo significa que o Piauí foi, na antigüidade, um importante centro religioso e comercial. O que teria provocado sua decadência?
Schwennhagen aponta duas causas. Uma de ordem econômica: o Piauí foi abandonado quando descobriram jazidas de ouro e salitre na Bahia e Minas Gerais. Os engenheiros egípcios abriram longas estradas em direção do sudoeste e o trabalho colonial transferiu-se do norte para o sul do país.



A escultura da lhama confirma a relação de Sete Cidades com as civilizações andinas



No conjunto dos Monumentos, três figuras estranhas olham uma estrela

A outra causa foi de ordem ideológica: os piagas se espalharam para diversos pontos do Brasil, fazendo com que o Piauí perdesse a antiga celebridade de centro religioso. Devido à grande extensão do território brasileiro, os sacerdotes não conseguiam manter comunicação constante com a sede central. Isso levou ao enfraquecimento da ordem que, aos poucos, perdeu seu antigo brilho.

Origem da ilha de Sete Cidades

A nomenclatura geográfica *Insula Septem Civitatum* apareceu pela primeira vez em pleno Império romano. Seu significado original era Ilha dos Sete Povos. Na língua portuguesa *civitas* foi traduzido erroneamente para cidade ao invés de povo.

O primeiro documento a se referir diretamente a Sete Cidades é uma crônica da cidade de Porto-Cale (hoje Porto), escrita em latim por um padre católico, no ano de 740 da nossa era.

Quando os árabes invadiram a Lusitânia — narra a crônica — o arcebispo de Porto-Cale reuniu 5 mil fiéis em 20 veleiros e partiram com destino a Sete Cidades. A crônica termina dizendo que esses cristãos chegaram a salvo naquele grande país.

A partir desse texto, Schwennhagen conclui que os navegadores ibéricos — bem como os das Canárias e de Cabo Verde — sempre guardaram lembrança de um grande país do Ocidente, cujo nome se identificou com a ilha dos Sete Povos. Isso prova também que entre 700 e 950 d.C. houve grande emigração da península Ibérica para a América do Sul e Central.

No ano de 1473, Sete Cidades volta a ser mencionada em documento, quando Fernando Teles chega a Lisboa com o mapa da costa de um continente, cheio de ilhas e rios, declarando que essa costa pertencia a Sete Cidades: era o Norte do Brasil, entre o Maranhão e o Ceará, com o delta do rio Parnaíba rico em detalhes. Esse documento encontra-se no setor de ilhas, na Torre do Tombo, em Portugal. Fernando Teles queria com esse documento uma carta de doação do rei, para explorar aquelas terras.

A carta foi concedida mas parece não ter agradado Fernando Teles. Fernando Ulmo, genro de Teles, logo depois da morte do sogro conseguiu nova carta de doação (1485), na qual o rei se obrigava a fornecer navios e forças militares para a *conquista das ilhas e terras firmes de Sete Cidades.*

Esses documentos todos provam que muitos anos antes da primeira viagem de Colombo, os membros da corte do rei d. João II, de Portugal, já sabiam que a ilha das Sete Cidades era um grande continente. É bom lembrar ainda que Afonso Sanches, navegador da frota particular de Fernando Teles morreu misteriosamente na casa de Colombo.

Mas tudo isso faz parte de uma história muito recente. Recuando-se no tempo, Sete Cidades é um enigma sem limites. Ela está muito além da simples pré-história.

O que Daniken não viu

Entusiasmado com sua recente viagem ao Piauí, Erich von Daniken incluiu em seu último livro, *Semeadura e Cosmo,* um capítulo sobre Sete Cidades. Acostumado com as ruínas mais famosas do mundo, esse autor suíço fez algumas observações interessantes. Ele diz: "Sete Cidades constitui um só caos enorme, igual a Gomorra, aniquilada pelo fogo do céu. Ali, as pedras foram destruídas,

torradas, fundidas por forças apocalípticas. E deve fazer muito, mas muito tempo, que as chamas vorazes completaram a obra de destruição total".

Gomorra no sertão brasileiro? Para ele sim. É a sua explicação para o passado remoto dessas ruínas, uma vez que o passado recente pode ser explicado, desde que se decifrem as inscrições.

Daniken chama a atenção para essas pinturas rupestres, pelo fato de utilizarem duas cores (vermelho e amarelo), fato raro nas inscrições pré-históricas: "sem dúvida deviam transmitir mensagem importante".

Avançando em sua tese ele acrescenta: "Outrossim, achei interessante uma *máquina de voar*, cujo desenho parece ter sido feito pela mão de uma criança. Aliás, os pintores pré-históricos estilizavam tudo o que viam de maneira surpreendente. Quais teriam sido seus 'modelos'?"

Evidentemente ele tenta aproximar os achados de Sete Cidades de sua tese sobre os "deuses-astronautas": "Vi um desenho primitivo reproduzindo um astronauta, com trajes espaciais completos. Citando Ernst von Khuon, formulo a pergunta: vieram os deuses de outras estrelas?"

Daniken vai confirmar sua tese com a descrição de um painel de inscrições colocado a uma altura de 8 metros em local de acesso difícil. Como eles teriam chegado até lá? Enfim, Sete Cidades possui vários indícios da passagem dos extraterrestres.

Se visitarmos Sete Cidades com o propósito de provar uma tese — seja ela qual for — é possível que se encontre material suficiente, tal é a riqueza do lugar.

Do alto do Curral Natural, por exemplo, temos a nítida impressão de que Sete Cidades era uma vila normal e que, de repente, derreteu. As pedras apresentam um movimento lateral (como as lavas de um vulcão), que as liga umas às outras, sem que percam sua personalidade própria. A erosão não teria permitido que suas divisões sutis permanecessem, mas teria transformado tudo aquilo em um conjunto único, morto. Sete Cidades, porém, possui vida. Uma vida subterrânea que se movimenta lenta, mas firme.

Na quinta cidade, também conhecida como Os Monumentos, percebemos um fato curioso: o conjunto denominado Três Reis Magos. São três esculturas gigantescas que olham para um determinado ponto do espaço. Olhariam uma estrela? Qual?

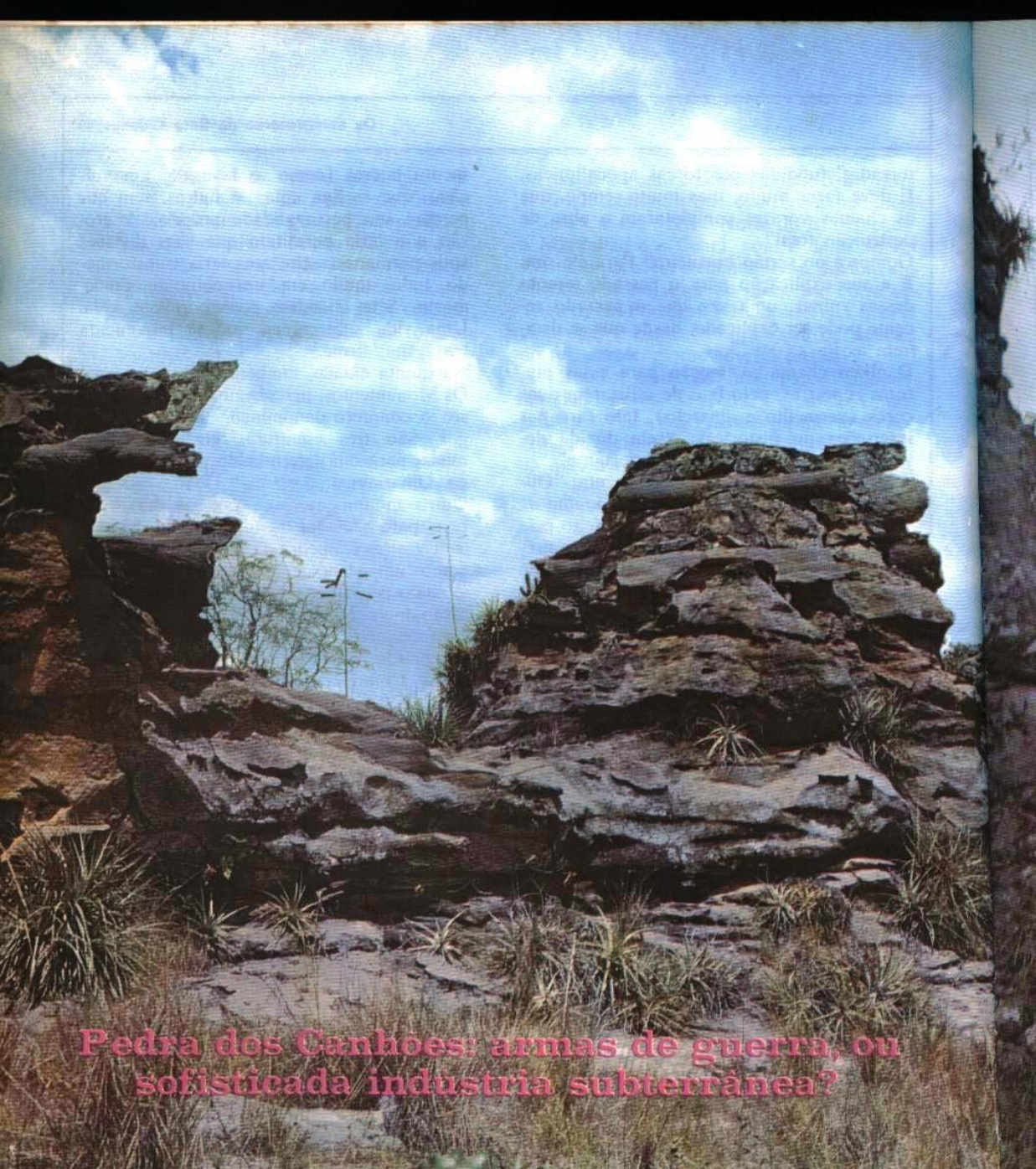
Outro monumento que poderia servir de pista para a descoberta do caminho dos extraterrestres é a pedra da Janela, que aparece como um visor a 30 metros de altura. Quando pensamos em uma cidade-fortaleza, essa janela poderia perfeitamente ter servido de guarita. Mas como ela não possui retaguarda, é possível que sua função fosse outra. Como ela limita um trecho do espaço, poderia perfeitamente ter servido de observatório astronômico.

O Arco do Triunfo também recorta o céu em uma posição específica. Aqui, pensamos na Porta do Sol, em Tiahuanaco.

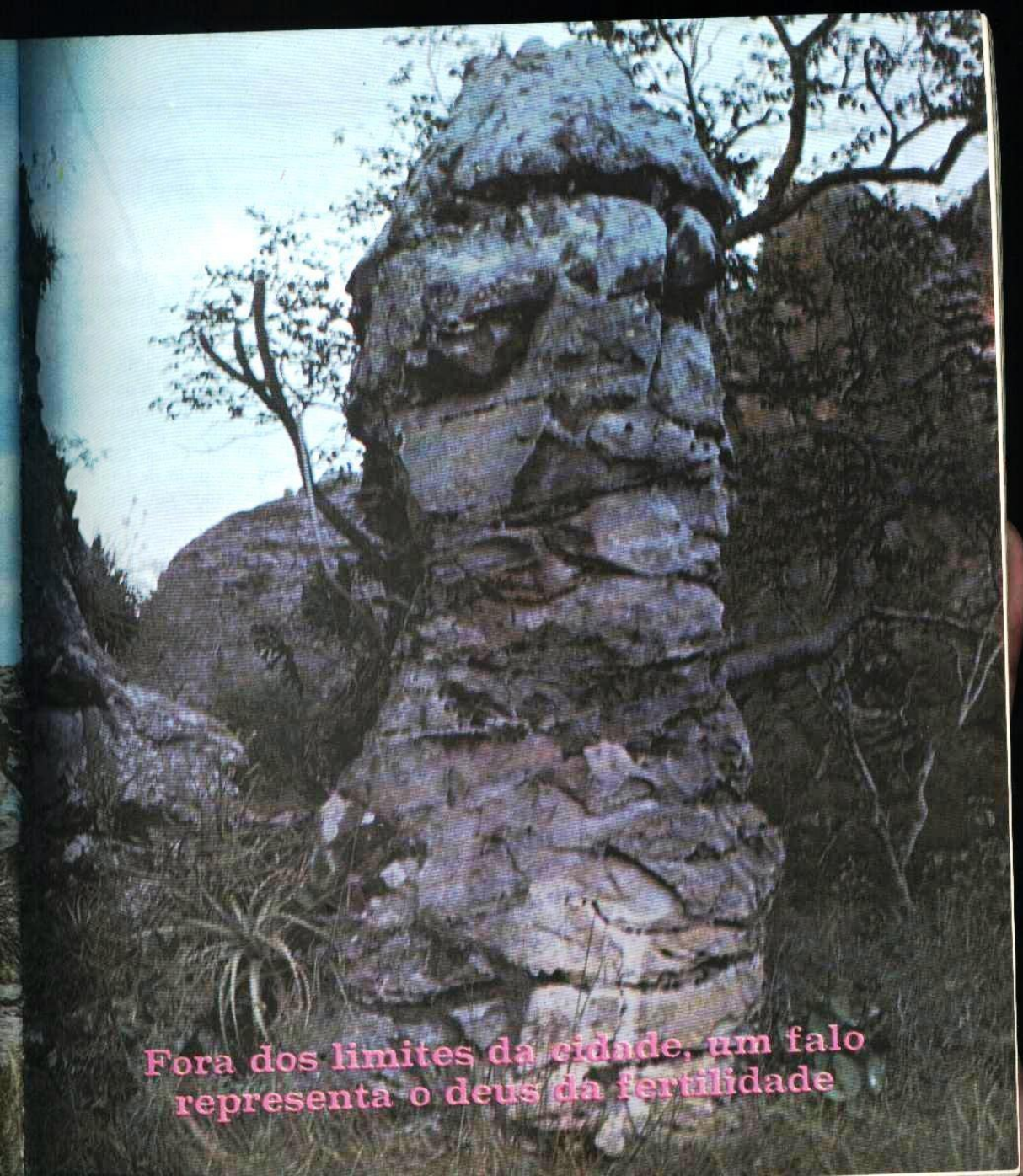
Fenícios, astronautas, druidas e Santo Antônio

Sete Cidades é um lugar mágico. Basta lembrar que sete é um número cabalístico por excelência. Para os moradores da região, entretanto, trata-se apenas de um lugar mal-assombrado. Eles costumam ouvir à noite ruidos de festas guerreiras, onde o canto masculino predomina.

Na terceira cidade — Curral Natural — abandonamos os indícios da história recen-



Pedra dos Canhoes: armas de guerra, ou sofisticada industria subterrânea?



Fora dos limites da cidade, um falo representa o deus da fertilidade

te e iniciamos uma fascinante viagem contra o tempo, em direção a um passado cujos limites ignoramos.

O Curral Natural é um bloco de pedras gigantes, esculturais, com diversos nichos significativos.

O primeiro deles é a pedra que chora. Vista de frente, ela parece uma torre celta. Totalmente fechada, com visores retangulares à volta. Imaginava-se que ela deveria ter uma abertura superior. Não tem. Ela é totalmente fechada.

Na parte traseira, essa torre possui uma ligação com o resto do bloco, dando ao conjunto a forma de um *U*, com mais de cem metros de extensão. Enquanto a torre possui apenas 15 metros de altura, o resto do conjunto é bem mais alto.

Do lado oposto à torre, no mesmo bloco, está a cabeça do macaco. Escultura da cabeça de um gorila de perfil (ou de um homem muito primitivo), feita em pedra escura e incrustada em uma parede bem mais clara. Teria sido esse o construtor de Sete Cidades? Os detalhes dessa escultura são impressionantes, principalmente a orelha e os ossos dos supercílios.

A pedra da janela também se encontra no Curral Natural. À sua frente, um cogumelo cheio de inscrições. Por que um cogumelo? Seguindo em frente, vencendo a vegetação agreste, cheia de cactos, chega-se ao conjunto que dá nome ao local: Curral Natural. Novamente, bem na entrada dessa espécie de praça, uma torre cheia de inscrições. É interessante notar que todas essas inscrições se encontram sempre na entrada de alguma espécie de fortaleza. É como se elas servissem de advertência. Ou mesmo simples indicação da função do local.

Em todas essas inscrições está sempre presente a marca de uma pequena mão, ao lado do quadro. É a marca de quem pintou. A assinatura do artista.

Do Curral Natural, sobe-se por uma escada esculpida para se atingir o topo da formação. Dali é possível se observar grande parte do parque. É dali também que se descobrem mais claramente os primeiros indícios da vida subterrânea da cidade.

Um desses indícios é a existência de respiradouros no alto das casas. Vistos de longe dão a impressão de serem de chumbo. Na verdade são pequenos canos de pedra esculpida, colocados no alto das casas. São pequenos cilindros com um dedo de largura. Apesar de finos, esses canos são extremamente resistentes.

Se essas casas foram habitadas, a entrada só podia ser subterrânea. A ventilação era baseada na flutuação do ar quente. Daí a presença desses respiradouros.

Sem aberturas — ou seja, com entradas subterrâneas — as residências se tornavam inexpugnáveis. Voltamos então à idéia de um povo guerreiro habitando uma cidade-fortaleza.

Os monumentos mais belos de Sete Cidades

Quanto a essa vida subterrânea, existem dois elementos que podem servir de prova. Em primeiro lugar, Schwennhagen aponta a existência de uma gruta subterrânea na região. Como a indicação não é exata, essa gruta nunca foi encontrada. No entanto, ele deve tê-la visto pois deixou um desenho onde aparece a entrada da gruta, construída como se fosse um templo, com uma inscrição no alto.

A segunda prova chegou até nós através da tradição oral. Dizem existir uma passagem subterrânea ligando Sete Cidades ao Estado

do Ceará. A história é bem conhecida e foi confirmada por diversas pessoas da região. Essa pista também se perdeu.

Na opinião da maioria dos visitantes, a quinta cidade — Os Monumentos — é o conjunto mais belo.

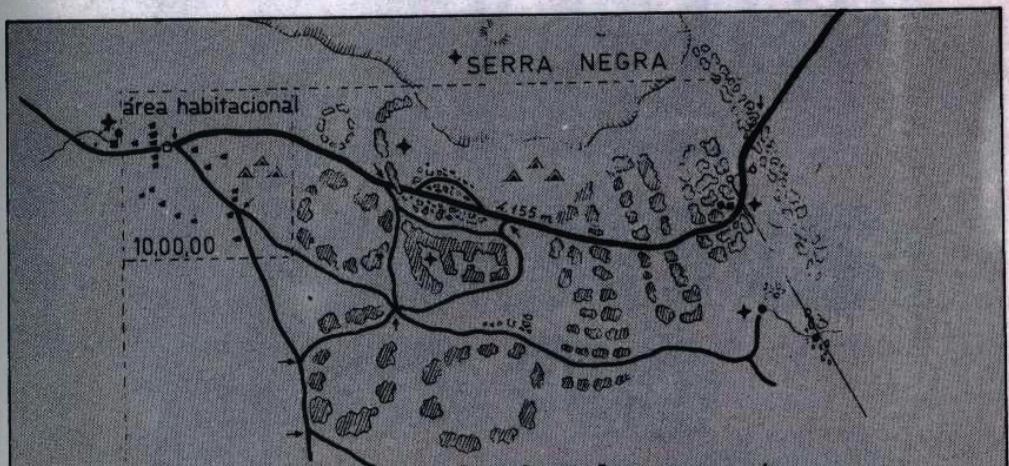
Logo na entrada encontra-se uma gigantesca formação rochosa que lembra a cabeça de um guerreiro, com elmo. Assimilada ao já conhecido, essa pedra recebeu o nome de soldado romano. A cabeça está colocada sobre uma torre de 20 metros de altura.

Pouco adiante, a cabeça do índio, impressiona pelos detalhes. Ao seu lado, a pedra que beija, que não tem nada que lembre um casal se beijando. São apenas duas pedras que se beijam. No Japão é comum as pessoas encontrarem pedras que namoram e celebrar o casamento entre elas. Naquele país existem muitas pedras casadas. Aqui, temos duas pedras que se beijam. Elas dão a impressão de terem crescido separadas e se juntado no alto, ao final de um longo amadurecimento. Ali, as pessoas depositam imagens de Santo Antônio, protetor dos namorados, pois acreditam que uma força antiga, cheia de amor, proteja quem venerar essa pedra.

Em Sete Cidades o cristianismo tomou posse de vários símbolos pagãos. A maior prova disso é o conjunto das três figuras que olham para o céu que foi batizado como Três Reis Magos.

Ao sair do conjunto dos monumentos, em direção da biblioteca, o visitante percebe que está se dirigindo ao centro cultural de Sete Cidades. As inscrições passam a aparecer com maior freqüência.

O mistério volta a dominar. A angústia de não poder decifrar as mensagens gravadas nas pedras há milênios. O que é que nossos antepassados queriam dizer? Uma cruz com



A distribuição das fortalezas mostra que Sete Cidades pertenceu a guerreiros

três braços, um macaco estilizado, foguetes, mãos, calendários . . .
Na pedra seguinte, novas inscrições: quadrados agrupados em conjuntos, esquemas incompreensíveis, setas que indicam não se sabe para onde, calendários que marcam um tempo que se perdeu para sempre.
A abundância das inscrições é tão impressionante que chega a irritar o visitante que não consegue intuir aquelas mentes primitivas, infantis, mas suficientemente avançadas para se expressarem abstratamente. Caminha-se com a impressão de folhear um livro, que possui um enredo, mas cujo conteúdo permanece desconhecido por estar escrito em uma língua totalmente desconhecida. Sete Cidades é um livro aberto. Só falta traduzi-lo.
Essa riqueza de inscrições que se sucedem nas torres, paredões e grutas, fazem de Sete Cidades um dos sítios arqueológicos mais importantes do Brasil. As pinturas não chegam a impressionar pela beleza. Mas sabemos que elas possuem um significado, que elas querem transmitir uma mensagem, um aviso.
Quanto mais perto a biblioteca, maior o número das inscrições. A cada passo elas são mais elaboradas, mais abstratas, mais enigmáticas. Surgem os mapas estelares, os robôs, os foguetes estilizados. Será que Daniken tem razão? Estaria ali a chave para a compreensão dessas ruínas? Esse foguetes que apontam para uma estrela de cinco pontas, estariam indicando para onde foram os construtores de Sete Cidades, ou de onde vieram? Ou indicam simplesmente o ponto de onde teria partido o ataque que a destruiu, transformando-a em um amontoado de pedras fundidas?
Na entrada do paço da biblioteca, um gigantesco painel com inscrições: são 25 metros de comprimento por dois e meio de altura. Todos os símbolos que vinham surgindo aos poucos pelo caminho estão alí. O visitante percebe que tudo se passou como se, depois de ler vários sonetos, ele se sentasse para ler uma grande epopéia. A epopéia dos construtores de Sete Cidades. A biblioteca porém está tão escondida que acreditamos que seus segredos eram verdadeiramente iniciáticos. Ou então, perigosos para a humanidade.
Para se atingir a biblioteca, segue-se através de labirintos íngremes, passa-se por salas de até 50 metros de altura, com saídas minúsculas, que levam a outros planos suspensos, cada vez mais altos.
Quem busca a sensação fácil, depois de passar pelo painel da grande epopéia, a biblioteca pode decepcionar. São duas pilhas de pedras, colocadas horizontalmente, cada pedra com 20 centímetros de largura e, sobre elas, uma gigantesca pedra de 30 metros de comprimento. Esse dólmen colocado sobre essa imensa sabedoria, substitui as sete chaves do segredo. Qual segredo? Para se saber o que essas pedras contêm (se é que elas contêm alguma inscrição) teríamos que destruir o monumento. Isso seria lamentável.

Os canhões estão no caminho do paraíso

Saindo da biblioteca, em direção à saída do parque, o visitante passa pela piscina de água quente.
Antes dela porém estão os canhões. De longe, temos a impressão de que vários tubos de ferro, com dois e três metros de comprimento, apontam para várias direções. Esses tubos são esculpidos em uma pedra idêntica à que tínhamos encontrado no alto das ca-

sas derretidas.

Para que serviriam aqueles tubos enormes? Teriam sido armas de guerra? Eles lembram chaminés de fábricas. Seriam então os respiradouros de uma grande indústria subterrânea? É curioso notar que ao seu lado se encontra uma piscina de água quente. Essa piscina também é um mistério.

Para muitos suas águas possuem propriedades terapêuticas, curando principalmente doenças da velhice. Diariamente chegam velhos com garrafas. "Essa água — dizem — tem o poder de rejuvenescer."

A idéia de que aquela piscina é uma fonte da juventude deve ter surgido em associação com o aspecto paradisíaco que cerca o local. A piscina é totalmente verde, cercada de vegetação exuberante. Ao longe vemos as ruínas de Sete Cidades e algumas montanhas nuas. As aves cantam e um veado selvagem guarda o lugar. Temos a impressão de estar no que restou de um grande paraíso.

Deixando a piscina, o visitante caminha em direção do Arco do Triunfo e abandona a cidade. A viagem porém não terminou ainda. Cem metros além, está um falo de três metros de altura, no meio de uma praça. Ereto e rico em detalhes, ele se encontra fora dos limites do parque, indicando talvez que aquele local era habitado por guerreiros distintos das amazonas. Ou seria a imagem de um antiqüíssimo deus da fertilidade?

Talvez estivesse fora dos limites do parque por ser o local do sacrifício das virgens, ou mesmo para a celebração da festa do himeneu. O local é apropriado para grandes festas.

Sua função? Ninguém sabe. Como não se sabe também o significado de todas aquelas inscrições. Esse monumento é apenas mais um enigma no grande mistério de Sete Cidades.

As perguntas fundamentais

Este artigo de Antônio Zago é uma excelente síntese das muitas teorias e muitas lendas sobre Sete Cidades.

Para Erich von Daniken, Sete Cidades foi destruída pelo fogo há muitos milênios.

Para Ludwig Schwennhagen, Sete Cidades teria sido a sede de um império colonial fenício na América do Sul.

Para os geólogos, Sete Cidades seria um empolgante conjunto de formas esculpidas em arenito pelas águas e os ventos, através de milhões de anos.

Não dispomos ainda de elementos conclusivos para definir a natureza e o passado destas fantásticas ruínas. Uma coisa, porém, é indubitável neste estranho mundo: a presença histórica do homem. E mais: numa região cuja antigüidade se mede por dezenas de milhões de anos, nada impede que se tenham sucedido diversas culturas e diversos povos.

Mas as perguntas fundamentais permanecem irrespondidas: Ruínas? Rochas erosadas? Ou a congregação das duas coisas, isto é, o aproveitamento de um local com formações naturais propícias, complementado pelo trabalho humano?

Renato Castelo Branco

Castelo Branco, publicitário, jornalista, é autor do livro *Pré-história Brasileira: Fatos e Lendas.*